

**LEITURAS E FEITURAS SOBRE A (RE)CRIAÇÃO:
O DESIGN/TRANSGRESSÃO X (RE)CONSTRUIR PELO ESPIRITO O BRINCAR EM
EDUCAÇÃO**

<https://doi.org/10.33871/23580437.2022.9.1.66-76>

Luiz Fernando Pereira Lopes¹

RESUMO: Este artigo, parte foi apresentado na 28ª Confaeb 2018, Congresso Internacional da Federação de Arte Educadores do Brasil e aqui retomo, reinvento, reconstruo como parte da dissertação² e sequência ao doutorado³. Caminho de pesquisa para buscar no professor desde suas vivências/experiências pessoais, bem como suas práticas em sala de aula, para refletir sobre a importância do brincar e do (re)criar para além do entreter por meio do objeto/artefato/brinquedo construído com materiais de (re)uso em primeira instância dissertar no professor/aluno e surge na tese a possível imersão em meu trabalho do professor/pesquisador/pesquisado a necessária ferramenta na arte como experiência apontada por John Dewey, 2010. Embora partirmos do ato de brincar, justificar a importância deste tipo de material de (re)uso utilizado como design/transgressão. Adotamos um caráter histórico-estrutural nos fenômenos e nos diversos meios culturais. Almejamos, dessa forma, aprofundar nosso olhar no ‘espírito pueril’ ou no que nasce na infância do ser humano presente no ato de brincar, utilizado como interlocução, por meio das quais podemos observar o quão relevante podem ser como práticas educacionais e seguir discutindo caminhos mais éticos, plenos de consciência e cheios de inspiração.

Palavras-Chave: Arte/Educação; Design/Transgressão; Espiritualidade no Contemporâneo; Material de (Re)uso.

ABSTRACT: This article, part was presented in the 28th Confaeb 2018, International Congress of the Federation of Art Educators of Brazil and here I resume, reinvent, reconstruct as part of the dissertation and sequel to the doctorate. Research path to look for the teacher from his personal lived/experiences, as well as his practices in the classroom, to reflect on the importance of playing

¹ Doutor em Artes, 2021, pela Escola de Comunicações e Artes -Universidade de São Paulo com orientação da Profa Dra Maria Christina de Souza Lima Rizzi, mantém vínculo com o grupo de pesquisa – ECA-USP. Mestre, 2015, em educação – Centro Universitário Moura Lacerda – CUML - Ribeirão Preto com orientação da Profa Dra Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de Mattos. Arquiteto e Urbanista, 1986, CUML – Ribeirão Preto. Professor e autônomo design/arte com produção também na Europa onde viveu de 1989 a 2002. E-mail: lufelopes3@gmail.com . Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2570875504807343> . Orcid : <https://orcid.org/0000-0001-8020-0448>

² Dissertação para obtenção do título de mestrado em Educação, intitulada: “*O Professor e a construção de brinquedos em sala de aula: experiências no brincar e criar com materiais de (re)uso e sua contribuição na constituição do sujeito*”, linha de pesquisa: ‘A Constituição do Sujeito no Contexto Escolar’ Autor: Luiz Fernando Pereira Lopes e orientador: Profa Dra Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de Mattos, 2015. (Ver referências)

³ Tese de doutorado intitulada: “*Rever o (re)uso de materiais em artes: desenhar/instalar/(per)formar / a espiritualidade no contemporâneo / exposição e curadoria educativa*” Autor: Luiz Fernando Pereira Lopes e orientador: Profa Dra Maria Christina de Souza Lima Rizzi, 2021. (Ver referências)

and (re)creating beyond entertaining through the object/artifact/toy built with (re)use materials in the first instance to lecture on the teacher/student and in the thesis the possible immersion in my work of the teacher/researcher/researched the necessary tool in art as an experience pointed out by John Dewey, 2010 . Although we start from the act of playing, justify the importance of this type of (re)use material used as design/transgression. We adopt a historical-structural character in the phenomena and in the different cultural environments. In this way, we aim to deepen our look at the 'puerile spirit' or what is born in the childhood of the human being present in the act of playing, used as a dialogue, through which we can observe how relevant they can be as educational practices and continue discussing paths more ethical, full of conscience and full of inspiration.

Keywords: Art/Education; Design/Transgression; Spirituality in the Contemporary; (Re)use material.

RESUMEN: Este artículo, parte fue presentado en el 28º Confaeb 2018, Congreso Internacional de la Federación de Arte Educadores de Brasil y aquí retomo, reinvento, reconstruyo como parte de la disertación y continuación del doctorado. Camino de investigación para buscar al docente desde sus vivencias/experiencias personales, así como sus prácticas en el aula, para reflexionar sobre la importancia de jugar y (re)crear más allá de entretener a través del objeto/artefacto/juguete construido con (re)utilización materiales en primera instancia para disertar sobre el docente/estudiante y en la tesis la posible inmersión en mi obra del docente/investigador/investigado la herramienta necesaria en el arte como experiencia señalada por John Dewey, 2010 . Aunque partimos del acto de jugar, justifica la importancia de este tipo de (re)utilización de material utilizado como diseño/transgresión. Adoptamos un carácter histórico-estructural en los fenómenos y en los diferentes ambientes culturales. De esta manera, pretendemos profundizar nuestra mirada sobre el 'espíritu pueril' o lo que nace en la infancia del ser humano presente en el acto de jugar, utilizado como diálogo, a través del cual podemos observar cuán relevantes pueden ser como prácticas educativas y seguir discutiendo caminos más éticos, llenos de conciencia y llenos de inspiración.

Palabras clave: Arte/Educación; Diseño/Transgresión; Espiritualidad en la Contemporaneidad; (Re)utilizar material.

“É no brincar e talvez apenas no brincar, que a criança ou adulto fruem de sua liberdade de criação”.

(WINNICOTTI *apud* MACHADO, 2010, p.39)

Legere no latim significa ‘colher as plantas’; em português ler. Buscar no jardim do conhecimento, possíveis leituras sobre a (re)criação partindo de seus primórdios, no qual o dito ‘espírito pueril’ nasce o seu impulso mais forte, na inocência da criança, que brinca de faz de conta e (re)cria brinquedos e brincadeiras e neste processo aproximarmos da educação e no que dela podemos trazer a luz da experiência. A espiritualidade sempre é uma constante em minhas questões e nela pude lançar mais voos durante minha tese que aqui somente dou uma pincelada mas que queremos trazer em futuros artigos mais aprofundados. No caminho da criança – (re)criação – (re)úso os hábitos e no que deles podemos aprofundar para a educação.

Na química com Lavoisier, por volta de 1774, (apud PINCELI) coloca: "Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma" por este estado o criar optamos como (re)criar no ato circular ou espiral constante e nele residir o caminho do 'novo' ou da transformação. Neste encontro com nossa produção em design/arte a que denominamos TRANS (o que passa de um ponto ao outro) FORMA (conjunto que caracteriza o objeto) e AÇÃO (ser causa de) assim:



Fig.01. TRANSformaAÇÃO - logomarca pessoal do pesquisador criada com colagem de textos de várias embalagens e no centro o símbolo da

Pensar sobre a constituição do sujeito (professor) no contexto escolar direcionado à criação e à construção dos brinquedos e o que se considera brincar, em nossos dias, quando percebemos uma realidade com possibilidades pouco exploradas. Esse é um tema normalmente ligado ao universo infantil e nele preservado com certa insistência, quando trabalhado somente com crianças em idade pré-escolar, esquecendo-se da possibilidade de um recurso a ser reconquistado. Assim pensando, levantamos uma questão: será mesmo esse universo somente direcionado às crianças? Para os adolescentes e adultos cabe pensar em alguma forma de relacionar os brinquedos a uma didática especial?

Mais recentemente, no século XX, a criança passou a ser tratada como um ser inteligente. Benjamin (1994) relata que até o século XIX ela era então desconhecida em sua totalidade, sendo que, para o educador, o adulto era visto como um modelo ideal a ser seguido pelas crianças, aponta serias controvérsias neste tema. É tamanha a seriedade necessária, dentro do universo da educação da criança, que Benjamin (2013) explicita a própria natureza do conhecimento:

A dominação da natureza, dizem os imperialistas, é a finalidade de toda técnica. Mas quem confiaria num mestre da palmatória que declarasse como finalidade da educação a dominação das crianças pelos adultos? Não será a educação, antes de mais nada, a indispensável ordenação das relações entre as gerações, e, portanto se quisermos falar de dominação, a dominação dessas relações geracionais, e não das crianças? Assim, também, a técnica não é dominação da natureza: é a dominação da relação entre a natureza e a humanidade. [...] O ser vivo só supera a vertigem da destruição no êxtase da procriação. (BENJAMIN, 2013, p.65)

Ordenar as relações entre as gerações para caminhar de alguma forma em direção à (pro)criação ou (re)criação, de maneira a revermos no gesto infantil á inocente, ato do 'espírito pueril', o incentivo ao impulso criador, foi sugerido como um caminho, por Schelesener (2011). Ao valorizar os escritos de Walter Benjamin sobre a vida infantil, a autora vincula uma nova leitura da história, retomando a tradição e a memória do que foi sufocado, reprimido no processo de constituição da Modernidade, dizendo que "assim, a experiência infantil da brincadeira, da expressão mimética e lúdica se constitui como o germen do novo que pode ser contraposto à experiência do adulto, adaptado às condições do mundo regido pelo modo de produção e de representação modernos". (SCHELESENER, 2011, p.130). A autora reflete, ainda, sobre alguns escritos de Benjamin, dizendo:

Para o adulto, educar-se é preparar-se para o trabalho, a profissão, é adequar-se a toda a estrutura de produção na sociedade moderna, isto é, significa descaracterizar

ou sufocar tudo o que possa sedimentar-se na sensibilidade e na imaginação. No fundo, trata-se de negar a dimensão utópica da vida (“nada é mais odioso ao filisteu que os ‘sonhos de sua juventude’”) e, com ela, qualquer possibilidade de renovação [...] Ora, é essa “experiência” que Benjamin ironiza e a denomina “pobreza de ideias e monotonia” (BENJAMIN *apud* SCHELESENER, 2011, p.131).

Benjamin nos fala sobre a perda da experiência, e Schelesener (2011, p.132) enfatiza a pobreza de histórias notáveis. A autora esclarece que saber contar e saber acolher a narração contribuem para a produção de um novo saber, resultando no entrelaçamento do passado e do presente, e supõe que narrador e ouvinte possuam uma identidade social e cultural que os integre à comunidade.

Criança lendo [...] a sua respiração para no ar dos acontecimentos e sente na face o sopro de todas as figuras. Ela se mistura muito mais de perto com as personagens do que o adulto. Sente-se indescritivelmente tocada pelos acontecimentos e pelos diálogos, e quando se levanta está inteiramente coberta da neve que caiu da leitura. (BENJAMIN, 2013, p.34)

Na complexidade, como aponta MORIN (2014) que origina na soma das culturas e esta também será o eixo que aprofundo mais em minha tese. No Brasil, em nossas narrativas, somos um povo desde a origem mais as culturas que ocuparam nosso território com as colônias. Benjamin (*apud* NOVAES, 2015, p.53) alerta para o que ele define como ‘efeito de choque’ presentes nas contínuas mudanças pelas imagens.

Com esses fragmentos, Benjamin vai construindo sua visão, propondo rumos para a educação, abrindo aos estudantes um caminho para o que ele chama de “vida espiritual crítica”, com uma função crítica, transformadora e revolucionária, não combinando em nada com o assistencialismo. Schelesener (2011) nos traz nessa visão um caminho para pensarmos sobre a proximidade da arte com a sensibilidade infantil:

No fundo, trata-se de mostrar que a criança, como o artista e também o narrador moderno, vive de modo a conferir novos significados para a realidade e, dessa forma, questionam o sentido dado às coisas no contexto da produção moderna; a criança, nas brincadeiras, evidencia afinidades e supera antinomias ao fazer-se igual à matéria que a circunda para criar seu próprio mundo no qual os objetos ganham vida e sentido. (SCHELESENER, 2011, p.133)

Para as crianças, conforme observado por Benjamin e comentado por Schelesener (2011), a faculdade mimética supera a mera imitação. O imitar ou (re)visar repetidas vezes uma ação, em contrapartida permite a autocrítica. No Artífice, Sennett (2009) afirma que a educação moderna evita o aprendizado repetitivo, considerando que pode ser monótono. O autor observa, ainda, que “o desenvolvimento das capacitações, depende da maneira como é organizada a repetição [...] Existem momentos ‘Eureca’ que soltam as amarras de uma prática que emperrou, mas eles estão incorporados à rotina. À medida que uma pessoa desenvolve sua capacitação, muda o conteúdo da repetição.” (SENNETT, 2009, p.49)

Em nossa pesquisa para a dissertação, pudemos observar na leitura dos autores citados a proximidade que devemos procurar manter entre a criança, o adolescente e os adultos, buscando mantê-la, principalmente, no que cabe aos parâmetros, no que toca ao espírito, tema que abordo na tese e observo pontos para o desenvolvimento da sensibilidade, medida pela experiência e pelas relações que dela podem surgir. Vygotsky (1996) cria uma boa imagem em suas notas de estudos, sobre as transformações: “*que los procesos de desarrollo en la edad infantil y en la edad de transición recuerdan frecuentemente la transformación de la oruga en crisálida y de la crisálida en mariposa*”. (p.11). Chama, dessa forma, nossa atenção para o processo, como sendo o mais

importante no desenvolvimento da criança e do adolescente, colocando os estudos das artes em geral como uma oportunidade única de auxílio durante essa fase de desenvolvimento.

[...] el descenso de la capacidad de trabajo fundamentalmente en tareas de índole creativa, fenómeno que se explica por el paso del adolescente a formas nuevas,[...], en los intereses creativos del adolescente y son los más perjudicados cuando se produce la ruptura de los intereses. (VYGOTSKY, 1996, p.18)

Assim no estudo das artes, o incentivo a (re)criação, o recurso do brincar e na fase adolescente, os jogos, como exercício no ditar as várias regras, maneiras ou modos de pensar a vida e reagir diante dos estímulos apresentados, conservando uma linha de comunicação entre a criança, o adolescente e o adulto, mantendo essas fases de aprendizado como recursos importantes e de livre trânsito, entre o interlocutor e aquele que busca o aprendizado.

O autor, observando essa fase como um rito de passagem, denomina-a de maturação sexual, que nos permite entender como maturação social da personalidade. Ainda de acordo com Vygotsky (1996), o jogo é parte constituinte de uma estrutura possível de aproximação, nessa fase, que ele também denomina de “idade de transição”.

El juego, desde el punto de vista biológico, debe ser la escuela natural para el autodesarrollo, la autoeducación y el ejercicio de las aptitudes naturales del niño[...].el niño ejercita y desarrolla en el juego las capacidades que necesitará más tarde. (VYGOTSKY, 1996, p.23)

Neste sentido o jogo se apresenta como um exercício de liberdade ao exercitar regras livremente consentidas dentro de limites de tempo e espaço como tocar o espírito e a (re)criação no que pode escapar da vida cotidiana. Huizinga (1996), observando seu poder de fascinação, afirma que “é nessa intensidade, nessa fascinação, nessa capacidade de exercitar que reside à própria essência e a característica primordial do jogo”. (HUIZINGA, 1996, p. 5)

Sennett (2009), ao referir-se ao pensamento de Huizinga (1996), observa que a dureza da Revolução Industrial levou os adultos a deixar de lado seus brinquedos; o trabalho moderno era “sério demais”. Comenta, ainda (p.301), que, quando a utilidade domina, os adultos perdem um elemento essencial da capacidade de pensar; perdem aquela curiosidade livre que se manifesta no espaço aberto do jogo, na sensação de apalpar o feltro da mesa por exemplo, os sentidos no espírito das coisas. Destacamos, o jogo como possibilidade do brincar e como pode auxiliar o trânsito entre a infância e o adulto.

O autor também propõe que o jogo equivale a um processo de autoeducação, mas na compreensão pelo adolescente constitui-se de um processo complexo e longo de transformação das atrações em necessidades e interesses humanos: “no es la media aritmética lo que hay entre ellos, sino una síntesis compleja y real de uno y otro. La conversión de la atracción en interés es la clave real del problema de la edad de transición”. (VYGOTSKY, 1996, p.24)

Vygotsky entende que o adolescente na idade de transição assimila pela primeira vez o processo da formação de conceitos, sua passagem a uma forma nova e superior de atividade intelectual, que é a chave de todo o problema de desenvolvimento do pensamento. Afirma que “numerosas investigaciones modernas nos imponen una deducción irrefutable: la formación de conceptos es justamente el núcleo fundamental que aglutina todos los cambios que se producen en el pensamiento del adolescente”. (1996, p.10)

Mostra-nos que os cientistas (biólogos) costumam esquecer, com grande frequência, que o adolescente não é somente um ser biológico, natural, mas também histórico social. Perdem de vista

a parte da maturação social e o apego do adolescente à vida social, e seus interesses não vertem mecanicamente como um líquido em um recipiente vazio, nas formas biológicas de suas atrações, *“sino que por sí mismos, en el proceso del desarrollo interno y de la reestructuración de la personalidad, reconstruyen las propias formas de atracciones, elevándolas a un peldaño superior y transformándolas en intereses humanos, por sí mismos se convierten en momentos internos integrantes de la personalidad”*. (VYGOTISKY, 1996, p.20)

Período de decisões, como a escolha dos estudos que indicarão a carreira a ser seguida ou não, seguir os caminhos dos pais ou de algum outro adulto como modelo base para suas vidas. Sabemos que todo trabalho pressupõe um interesse. É impossível realizar qualquer trabalho físico ou intelectual sem interesse; até o menos interessante se realiza, pelo próprio interesse que se tem, pelo interesse de evitar um castigo e manter-se na posição conquistada na classe ou bem, para conservar a própria estima, sendo *“El problema es saber cómo será ese interés, de dónde procede”*. (VYGOTISKY, 1996, p.21)

Quando focamos nossa compreensão como educadores, interlocutores do conhecimento nesta temática tão interessante, o importante considerarmos quanto o Ensino da Arte pode nos auxiliar nessa tarefa e, citando Ana Mae Barbosa (2009): *“em arte e em educação, problemas semânticos nunca são apenas semânticos [...] a prática dos educadores em algo dinâmico, aberto à transformação, algo permanentemente vivo, em constante criação”*. (BARBOSA, 2009, p.XV)

Ao compreendermos a criança como ser social, no confronto do espírito com a liberdade o interesse e a criação, dentre outras coisas, é submetida às influências culturais de seu meio, especialmente da indústria cultural. Continuando, Barbosa (2009) nos remete às suas pesquisas em 1975, em que já dizia: *“É importante ressaltar a impossibilidade de manter intacta a genuína expressão infantil nos tempos de hoje, quando as imagens que vão desde a história em quadrinhos e a televisão até os cartazes de publicidade que enchem nossas cidades”*. (BARBOSA, 2009, p.XVI)

Acrescenta Ana Mae Barbosa (2009) que nos cabe o papel de interlocutores, nesse diálogo entre inocência e liberdade pelo conhecimento e verdade dos fatos, além do incentivo de relações facilitadoras para a (re)criação *“[...] o ‘aprender a ver’ não se coloca como mero exercício de formalidades diletantes, mas adquire sentido a partir de sua visão da educação como oportunidade para a libertação dos desfavorecidos e se converte, por isso, em um dos elementos centrais da alfabetização cultural [...] A autorrevisão é o maior exercício de liberdade a que o ser humano pode almejar”*. (BARBOSA, 2009, p.XXI - XXXIV)

Estaria no transito para a transformação esta autorrevisão e logo no projetar-se e transgredir, no design/transgressão na faísca presente no ato como violência passional e criadora? Uma vez que o material nos apresenta como ilusório ou uma matéria que não morre e sim se transforma? Qual seria a materialidade mutável na natureza humana?

Adalto Novaes (2015) introduz como possíveis mutações no transgredir passional ou a violência passional:

Perguntemos, pois: o que é feito hoje da natureza humana? Que papéis tem hoje o espírito não como entidade metafísica, mas como inteligência ou potência de transformação criadora? Assim, a nova realidade exige de nós o pensamento sobre as novas mentalidades, a percepções do mundo, a refundação da ética e da política, as novas relações afetivas etc.[...].” (NOVAES, 2015, p.22-23)

Habitáculo, neste pequeno compartimento nosso ‘corpo’ movido por uma chispa, uma centelha, o que constitui nosso espírito e onde ocupa o lugar desta pequena partícula o per ‘si’ o que nos promove a individuação aportada por Simondon (1964) como: *“essa operação é paralela à da individuação vital: um vegetal institui uma mediação, pelo emprego da energia luminosa recebida*

na fotossíntese, entre uma ordem cósmica e uma ordem inframolecular, classificando e repartindo as espécies químicas contidas no solo e na atmosfera” neste específico a cada indivíduo e entre o que Hannah Arendt apontada por Novaes (2015) em diversos momentos, no que condiciona o humano nas relações com o outro e o objeto aonde vagam os ‘inter-esses’ cabe portanto o ato da (re)criação pelo intermediar na experiência colocado por Dewey (2010) na qual a arte ocupa seu papel na transformação considera: “Quanto mais é o homem experimentado, mais aguda se lhe torna a consciência das falhas [...] dá ao homem a divina inquietação e permanentemente empenhado na constante revisão de sua obra”. (DEWEY apud TEIXEIRA E WESTBROOK, 2010, P.35)

O fundamental no ensino de arte

As mudanças, antes das duas grandes guerras, que transformaram sobre maneira a materialidade humana, estudos sobre o espírito e a espiritualidade estavam sendo desenvolvidos, em diversos centros acadêmicos em torno de várias culturas, Benjamim (2006, p.44) chamava de ‘fantasmagorias’ ligado às leituras do fetiche e consumo iniciando, a nosso ver, uma ruptura em várias conquistas nesta área e que somente agora e ainda com muita ressaca da destruição causada nas guerras e a tirânica violência pelo poder podemos reabrir portais que até então ficaram semiabertos e que agora resurgem com muita força pela urgente pesquisa que envolve ciência, arte e a humanidade.

A emergência na recuperação do Ensino da Arte se faz necessária, discutir em quais direções conduzir esse conhecimento, desde a oportuna intenção e compreensão dos brinquedos e das brincadeiras na infância, no que se refere ao resgate da nossa história, até quando nos fizemos construtores desse movimento moderno no qual fomos reconhecidos; repensar, recuperar e conquistar novos caminhos como nos são apontadas por Olgária Mattos (2010), em que associa economia, política, fetiche e desejo – apresentando a universalização do fenômeno do fetiche e a indeterminação do princípio da realidade, no momento em que se substitui o capitalismo de produção pelo do consumo. (MATTOS, 2010)

Obsolescência programada, naquilo que de forma rápida devem os produtos apresentarem-se ao mercado, como algo com morte definida para sua imediata substituição para mais consumo.

Por outro lado, Bauman (2011) comenta que, se a vida pré-moderna representava um ensaio diário para a duração infinita de tudo, menos da vida mortal, a vida líquida moderna, como ele identifica os dias atuais, é um estado de transitoriedade universal. “A modernidade líquida é uma civilização de excesso, redundância, desperdício e eliminação de refugos”. (BAUMAN, 2011, p. 188-189).

Nesse cenário:

O que quer que aconteça em um lugar influencia a vida e as oportunidades de vida das pessoas em todos os outros [...] Nossa dependência mútua tem dimensões planetárias, de modo que já somos, e permaneceremos de modo indefinido, *objetivamente* responsáveis uns pelos outros. (BAUMAN, 2011, p.32-33)

Acompanhamos atualmente a proliferação de várias discussões e manifestações pela tomada de consciência do real estado de fragilidade com relação aos recursos planetários e como o autor, e outros de diversas áreas, buscam manifestar-se pela urgência de posturas mais claras e educativas.

Ele mesmo mostra uma direção para se ter utilidade neste nosso mundo líquido moderno, “a educação e a aprendizagem devem ser contínuas e vitalícias [...]. Nenhum outro tipo de educação ou forma de aprendizagem é concebível; a ‘formação’ de *selves* ou personalidade é inconcebível de

qualquer outro modo que não seja o da reforma contínua, perpetuamente inacabada em aberto”. (BAUMAN, 2011, p.193)

Bauman (2009) comenta que, se agora voltamos compulsiva e obsessivamente ao tema da memória, é porque fomos transportados de um tempo de longa duração para um tempo *transitório*, e por isso de *aprendizagem* e de *memorização*, permeada pelo *esquecimento*.

Questões surgidas sobre as práticas no contexto escolar: qual seria o melhor caminho no Ensino da Arte? Como (re)tomar o verdadeiro lado, no qual iluminamos com o reflexo de nossas almas, para adquirirmos o sentido da forma do qual atua para uma melhor espiritualidade em nossas ações? Como não se faz hora de (re)ver os procedimentos das ciências matemáticas e físicas nas artes simples e irmos para além e chegarmos em nossos sentidos e nossas ações? Fim dos tempos sólidos, início dos tempos líquidos e etéreos?

Karl Kraus conclui: “O verdadeiro fim do mundo é a destruição do espírito. O outro está condicionado pela experiência que consiste em saber se o mundo subsistirá depois da destruição do espírito.” (apud NOVAES, p.24)

Apoiados na visão de construção de uma pedagogia crítica e por meio dela buscamos o potencial das experiências voltadas às práticas dos interlocutores/professores que, mesmo mergulhados nos problemas da sociedade atual, procuram abrir o horizonte dos alunos, desenvolver um olhar crítico na perspectiva da arte e da criação, tanto pela pintura e escultura como pelo desenho ou pela construção de novos objetos e brinquedos apropriando-se de vários materiais, inclusive os de (re)uso, nos parece uma visão múltipla e plena de conexões dentro de todas as questões atuais aqui consideradas.

Um dos grandes méritos da teoria de John Dewey, refletimos em nossa dissertação, apontados por Anísio Teixeira foi o de restaurar o equilíbrio entre “a educação tácita e não formal recebida diretamente da vida, e a educação direta e expressa das escolas”, integrando a aprendizagem obtida por meio de um exercício específico, “a escola, com a aprendizagem diretamente absorvida nas experiências sociais (vida)”. (TEIXEIRA, 2010, p.42). Muitas vezes os hábitos rotineiros se desligam da inteligência que os poderia renovar e deixam de ser educativos para se tornarem entraves do progresso pessoal, destruindo a plasticidade do ser que é característica pela qual podemos adquirir novos hábitos, ou de aperfeiçoar os que já possuímos. Dessa forma, o mesmo Teixeira, 2010, alerta para o que discutimos anteriormente com Benjamin (1994), quando aponta para a formação da criança tendo os adultos como modelo idealizado; ambos, referem-se a uma educação que é vida, e esse processo educativo, portanto, não tendo nenhum fim além de si mesmo, é um processo de contínua reorganização, reconstrução e transformação do sujeito. O hábito de aprender diretamente com o fazer torna-se o produto mais rico que pode a escola alcançar.

Já que a Arte se insere na busca pela compreensão da vida, e seus desígnios conduzem a criança de forma contínua por mundos e fantasias em construção, a “tarefa de casa”, tanto do professor quanto do aluno será a liberação do espírito criativo por meio da memória e do fazer artístico, pois, “sabemos que Arte não é apenas socialmente desejável, mas socialmente necessária”. (BARBOSA, 2005, p.05)

Metodologia e considerações

Sobre a leitura em arte buscamos Analice Dutra Pillar, a qual parte de um questionamento: “O que está implicado no ato de ler uma imagem, em especial uma obra de arte? Para compreender precisamos decodificar e se apenas decodificamos sem compreender, a leitura não acontece”. (PILLAR, 1999, p.11). Tomar a leitura por condutora em toda sua possibilidade e saber o quanto de poder por termos nas raízes de nossa cultura a narração, a tradição oral, até nas novelas nossa

grande matéria exportável. Pelo ato da leitura no que dele está implícito como um ato de (re)criar por meio dos sentidos das palavras e sua total percepção como no ato de saborear e saber, perpassados por todo nosso ser criador e daí proponho as possíveis feitura pelo design/transgressão dos materiais de (re)úso em artes no que tange os possíveis caminhos na intersubjetividade e a transformação social.

Para este artigo buscamos leituras feitas considerando significativo nosso percurso por fases adotadas em nossa pesquisa: com o princípio na decisão pela técnica do Grupo Focal como autor principal Gomes e Barbosa (1999) como ponto de partida e nele encontramos vários argumentos que nos tiraram para frente desde a leitura das obras de Arte, referindo-nos no modo da abordagem triangular por Ana Mae Barbosa (2005). Nestes encontros entre as professoras participantes surge a referência da pintura “Jogos Infantis” de Peter Bruegel; dentro da própria pintura nas diversas brincadeiras as figuras manuseando uma série de materiais não estruturados e que podemos identificar como restos oferecidos pela natureza como a casca de um fruto seco, pedaços de ramas de plantas e até penas de pássaros.



Fig.02 Detalhe escolhido da pintura 'Jogos Infantis' Peter Bruegel, 1560. Disponível: <http://bilddatenbank.khm.at/viewArtefact?id=321>

E nesta imagem da fig. 02 nos inspirarmos nossa oficina coletiva de criação de objetos / jogos / brinquedos com materiais de (re)uso e dela geramos vários trabalhos que ilustramos dois exemplos na sequência de uma das professoras e logo o retorno que elas nos ofereçam com os trabalhos de seus alunos. Aqui deixamos as imagens seguintes, e nossa (re)flexão pelo ato da (re)criação o transgredir no (re)uso. Relatados nas falas das experiências pelas professoras e alunos, quando responderam quanto ao nome criado aos brinquedos e porque: “a minhoca, larva, borboleta futura, com pés espiral”; “criei a boneca ‘malucona’, roqueira” ou “aquele que vai e vem o eterno reúso”, “carro doido”, “flor-lata que dura” e “mascara do super herói diferente”; que por elas mostram a descontração e fontes inspiradoras tanto dos recursos (re)visitados pelas professoras como nos criados por seus alunos.



Fig. 03 -Brinquedos Professoras. Fonte: arquivo do pesquisador.



Fig. 04 – Brinquedos crianças. De 09 a 16 anos de idade. Fonte: arquivo de pesquisador.

Ao nos deixarmos fluir no multidisciplinar, a filosofia tornou-se inevitável no tratamento da constituição do sujeito, e tomamos por empréstimo a convicção de FOLSCHEID e WUNENBURGER (2006, p.9), quando dizem: “pensar o já pensado é repensar, e repensar é sempre pensar”.

Apresentamos na dissertação o que representou por muito tempo um desejo, de lançar em uma pesquisa sobre os professores e a construção de brinquedos com (re)uso, tendo como um dos pontos de partida nossa própria experiência diante desse tema, em diversos momentos de nossa produção. Para a tese pude emergir em minha própria produção e pela poética nela existente amplio o universo do material de (re)úso, questões de nossos próximos artigos.

Tratamos o tema da (re)criação, mas que sua forma coletiva, apoiado pelo referencial teórico escolhido, mantendo o enfoque na produção do objeto/artefato e produzido por artífices da obra, no poder da experiência e mais ainda pelo (re)uso em uma futura sociedade de individuação.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino de arte: anos oitenta e novos tempos**. 6ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BAUMAN, Zigmunt. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Rua de mão única: Infância berlinense: 1900**. Edição e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

DEWEY, John, **Arte como experiência**; organizado por Jo Ann Boydston; editora de texto Harriet Furt Simon; introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro – São Paulo: Martins Fontes, 2010 – (Coleção todas as Artes) 646p.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4ª Ed. São Paulo: Perspectiva. 1996.

Lavoisier, Antoine Laurent por PINCELI, Carlos Ricardo. Disponível em: <http://www.fem.unicamp.br/~em313/paginas/person/lavoisie.htm>

LOPES, Luiz Fernando Pereira. **O professor e a construção de brinquedos na sala de aula: experiências no brincar e criar com materiais de (re)uso e sua contribuição na constituição do sujeito** / Dissertação (mestrado em educação) apresentado ao Centro Universitário Moura Lacerda - CUMML, com orientação: Profa Dra Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de Mattos – Ribeirão Preto, 2015. 117 p. Disponível em: dissertacoes.mestrado.mouralacerda.edu.br/buscas_trabalhos-portalmouralacerda.php?busca_trabalho=Luiz+Fernando+Pereira+Lopes&busca_ano=2015&busca_semestre=

_____. **Rever o (re)uso de materiais em artes: desenhar/instalar/(per)formar / a espiritualidade no contemporâneo / exposição e curadoria educativa** / Tese (doutorado em artes) apresentada a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP com orientação da Profa Dra Maria Christina de Souza Lima Rizzi, 2021. 289 p. Disponível: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-15022022-110157/pt-br.php>

MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo – sucata e a criança – A importância do brincar Atividades e materiais**. 7ª Ed. , São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MATTOS, Olgaria C. F., **Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MORIN, Edgar, **Chorar, amar, rir, compreender**, São Paulo: Ed. SESC SP, 2012, 401p.

NOVAES, Adalto, org. **Mutações, fontes passionais da violência** – São Paulo. Edições Sesc: São Paulo, 2015. 540p.

SCHLESENER, Anita Helena. Educação e Infância em alguns escritos de Walter Benjamin. **Paideia**. vol.21. n. 48, p. 129-135. janeiro/abril, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n48/a15v21n48.pdf>

SIMONDON, texto na Introdução do livro *L'Individu et Sa Genese Physico-Biologique*, de Gilbert, PUF, 1964.

PILLAR, Analice Dutra (org.) – *A educação do olhar no ensino das artes* – porto Alegre: Mediação, 1999. 208p.)

SENNETT, Richard. (trad. de Clóvis Marques). **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

WESTBROOK, Robert B. TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey** (trad. e org. José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues). Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. Coleção Educadores (MEC). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4677.pdf>

VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **Obras Escogidas**. Tomo IV. Madrid: Visor. 1996. Disponível em: <http://www.taringa.net/buscar/?q=vygotsky&>